

# OLHARES SUÍÇOS SOBRE O PORTUGAL DE SALAZAR. 2\* as guerras (1936-1945)\*\*

Reto Monico\*\*\*

**Resumo:** Entre 1936 e 1945 quase todas as fontes consultadas, quer diplomáticas, quer jornalísticas, dão uma imagem positiva da política de Salazar, a qual defendem sem que praticamente sobre ela exerçam qualquer análise crítica.

Durante a guerra civil espanhola, se excluirmos a imprensa comunista, que, no entanto, fala muito pouco de Portugal, os representantes suíços em Lisboa e

---

\* Veja-se MONICO, Reto (2008). «Olhares suíços sobre o Portugal de Salazar. 1. Da chegada ao ministério das Finanças ao atendado (1928-1937)». In *Portugal e o Outro: Influências, Olhares e Mediação* [Martins, Otilia, coord.]. Aveiro: Edição da Universidade, pp. 35-70. Utilizo aqui, como para o primeiro artigo, essencialmente duas fontes: por um lado, os relatórios enviados pela Legação suíça em Lisboa que abrangem praticamente todo o período; por outro, os jornais suíços que, no entanto, falam de Portugal só quando acontece algo de importante. Encontrei também dois registos sonoros de emissões sobre Portugal (10 de setembro de 1940 e 15 de outubro de 1943) nos arquivos da Radio Suisse Romande.

\*\* Serão aqui tratados essencialmente os temas relacionados diretamente com a guerra civil espanhola e, sobretudo, com a II Grande Guerra. A primeira grande crise do regime (1942-1949) será analisada no próximo artigo.

Citações em língua estrangeira: as que são em francês ficaram no original por se tratar de uma língua do conhecimento generalizado dos leitores portugueses deste tipo de escritos; traduzi para português as que são em alemão e em italiano. As que são em francês e têm menos de 3 linhas ou 40 palavras ficaram inseridas no texto, entre aspas e em itálico; as maiores ficaram inseridas em blocos separados do texto, em linhas retraídas, sem aspas, igualmente em itálico, a um espaço e dois corpos de letra abaixo do corpo do texto. Para as citações traduzidas foi seguido um critério semelhante: com menos de 3 linhas ou 40 palavras ficaram inseridas no texto, entre aspas mas em letra redonda; as maiores ficaram inseridas em blocos separados do texto, em linhas retraídas, sem aspas, igualmente em letra redonda, a um espaço e dois corpos de letra abaixo do corpo do texto. Abreviaturas: AF: *Archives Fédérales*, Berna; NZZ, *Neue Zürcher Zeitung*; ARSR: *Archives de la Radio Suisse Romande*.

\*\*\* Doutorado em História pela Universidade de Genebra (Suíça).

os editoriais dos principais quotidianos helvéticos justificam a atitude filo-franquista do governo português.

No que diz respeito à política externa portuguesa e à neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial, as mesmas fontes, obnubiladas, sem dúvida, pelo mito da ditadura «branda e moderada» de Salazar, manifestam uma grande compreensão e simpatia pelas diferentes tomadas de posição do ditador português, por razões ideológicas, pelo facto de Portugal ser um pequeno país como a Suíça e também pelo papel de Portugal no abastecimento da Confederação durante o conflito.

**Palavras-chave:** Estado Novo, imprensa suíça, II guerra mundial, Guerra civil de Espanha, neutralidade, Salazar, Suíça.

**Abstract:** Between 1936 and 1945, an overwhelming majority of the documents analysed in this article give a very positive image of Salazar's regime. During the Spanish civil war, with the exception of a very few left-leaning newspapers, the Swiss journalists and the diplomats in charge at the Swiss Legation in Lisbon defended and justified the support given to the nationalist cause in Spain by the Portuguese government.

Concerning the Portuguese neutrality during the Second World War, the same sources adopted the Salazar's point of view and analysed his politics with a lot of sympathy and understanding. This was mainly for four reasons: they sympathized partially with the ideology of the *Estado Novo*; Portugal is a small country, like Switzerland; they were blinded by the myth of the so-called «soft» and «moderate» dictatorship of Salazar; and, finally, because Portugal was an important trade partner for the Confederation during the conflict.

**Key-words:** Estado Novo, Swiss press, World War II, Spanish Civil War, Neutrality, Salazar, Switzerland.

Em Espanha, a sublevação militar contra o governo republicano, que começa a 18 de julho de 1936, transforma-se rapidamente numa guerra civil que vai durar até abril de 1939 com a vitória das tropas franquistas. Esta guerra internacionaliza-se rapidamente: a União Soviética e o México apoiam os republicanos, algumas potências europeias, como a França e a Inglaterra, optam pela «não-intervenção», a Itália fascista e a Alemanha nazi

intervêm massivamente do lado das tropas nacionalistas. Quanto a Portugal<sup>1</sup>, pode dizer-se que o regime ajuda claramente os revoltosos — uma vitória dos republicanos podia pôr em perigo a próprio regime salazarista—, e fá-lo nos aspectos militar, da logística, da política e da diplomacia. Militarmente, de forma menos significativa do que o lado republicano (cerca de 3000 portugueses combateram nas tropas de Franco contra 5000 de voluntários republicanos, embora menos organizados); na logística permite o trânsito de homens e de material (a rádio e a imprensa estavam ao serviço da causa nacionalista); na política, nomeadamente durante o verão de 1936, através da credibilização internacional do franquismo; na diplomacia apoiando Franco no comité de Londres (e nomeando também Pedro Teotónio Pereira «agente especial» junto do regime franquista, tendo-o enviado a Salamanca e a Burgos, sede do governo nacionalista, acabando por ser nomeado embaixador em Madrid após o reconhecimento *de jure* do governo de Burgos).

Com a vitória de Franco toma o poder na Península Ibérica um regime claramente favorável ao eixo nazi-fascista, o que não deixa de complicar a situação de Portugal durante a guerra<sup>2</sup> e a política de neutralidade de Salazar, nomeadamente entre 1940, data da ocupação de França pelos alemães, e o verão do ano seguinte, quando o teatro principal da guerra se afasta com a invasão da União Soviética pelas tropas nazis, a 22 de junho. Portugal consegue manter a sua neutralidade até 1941 porque a Alemanha não tem condições para organizar uma ofensiva militar no sul e, sobretudo, porque escolhe derrotar em primeiro lugar a União Soviética. A partir da entrada na guerra dos Estados Unidos, em dezembro de 1941, e da derrota das tropas nazis em Moscovo, a neutralidade portuguesa é posta em causa pelos Aliados que, no entanto, preferem o *statu quo* na Península e dão a prioridade à derrota da Alemanha com o desembarque no norte de África. Portugal tenta manter uma equidistância entre os dois blocos, mas mantém, no entanto, boas relações económicas com Berlim (a quem fornece, nomeadamente, volfrâmio<sup>3</sup>), violando claramente o bloqueio aliado o que torna mais tensas as relações com a Inglaterra, a velha aliada.

A partir de 1943, com a derrota em Estalinegrado em fevereiro e as ofensivas anglo-americanas, a relação de forças muda e Salazar deve contar

<sup>1</sup> Veja-se OLIVEIRA, César (1987). *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa: O Jornal; ROSAS, Fernando (1998) [ed.]. *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa: Colibri. 1998.

<sup>2</sup> ROSAS, Fernando (1994). *O Estado Novo*, Lisboa: Estampa; TELO, António José (2000). *A neutralidade portuguesa e o ouro nazi*. Lisboa: Quetzal Editores.

<sup>3</sup> «O país, coloca-se, assim, no centro da guerra económica entre os beligerantes». ROSAS, *O Estado Novo*, p. 309.

com a vitória das democracias ocidentais. Depois de duras negociações, em que recua mesmo no limite, concede facilidades aos ingleses no arquipélago dos Açores, a 17 de agosto de 1943. A resposta alemã poderia constituir um perigo para Portugal, mas o governo de Berlim apresenta apenas um protesto formal. Mais uma vez o país consegue manter a neutralidade devido a circunstâncias externas: os beligerantes —os Alemães, neste caso— não estão interessados em alargar o conflito à Península Ibérica. Ao mesmo tempo o ditador português utiliza esta neutralidade continental e colaborante em relação à Inglaterra e aos Estados Unidos para obter contrapartidas significativas como matérias-primas, combustíveis e bens alimentares. No plano político, e isto é-lhe essencial, pois consegue manter as colónias e, a mais longo prazo, o regime<sup>4</sup>, que os Aliados acabam por aceitar só depois de junho de 1944 quando cessam as exportações de volfrâmio português para a Alemanha.

### A guerra de Espanha

A guerra civil espanhola ocupa uma posição de destaque na imprensa suíça durante três anos. As referências a Portugal são limitadas e andam, sobretudo, à volta do tema da não-intervenção. A imprensa conservadora justifica sistematicamente a simpatia do governo português pela insurreição franquista e defende o ponto de vista de Lisboa, como, por exemplo, o *Journal de Genève* do dia 9 de agosto de 1936. Não se pode colocar no mesmo plano Portugal e as outras potências, porque, para Lisboa, está em jogo o seu futuro, diz o quotidiano de Genebra: «*Après des périodes troublées, la République lusitanienne a trouvé son équilibre, établi l'ordre, restauré ses finances. Que sa voisine soit livrée à l'anarchie communiste ou instaure un solide régime d'autorité, voilà qui ne peut lui être indifférent*<sup>5</sup>.»

Como definir a neutralidade numa guerra civil? É a pergunta que o editorialista faz. O país que possui colónias tem que ser forte e não pode ter «discórdias internas», o que aconteceria se se deixasse «contaminar pelo bolchevismo». A conclusão do artigo não deixa margem para dúvidas: «*Lisbonne se fait respecter au dehors parce que son gouvernement se fait respecter au dedans.*»<sup>6</sup>

Encontrámos a mesma opinião no editorial de Maurice Muret<sup>7</sup>, publicado a 1 de outubro na *Gazette de Lausanne*, o outro grande jornal libe-

<sup>4</sup> *Idem*, p. 316.

<sup>5</sup> M., J., «Neutralité difficile», *Journal de Genève*, 9 août 1936.

<sup>6</sup> *Idem*, *ibidem*.

ral da Suíça francesa. É perfeitamente compreensível que Portugal esteja decidido a «lutar contra um abominável contágio», escreve o jornalista, para quem, o facto de Lisboa não respeitar a neutralidade passa para segundo plano.

O *Courrier de Genève* ataca, em primeiro lugar, a imprensa de esquerda e os maçons: «*La presse de gauche n'aime pas M. Salazar, coupable à ses yeux, d'avoir tiré son pays du bourbier où l'enfonçait la dictature des Loges alliées au communisme [...]*»<sup>7</sup>

As reservas deste país perante a não-beligerância são lógicas, acrescenta o quotidiano católico-conservador, porque, se os vermelhos triunfarem em Madrid, «Portugal arrisca-se a ser inundado rapidamente pela propaganda comunista» vinda de um país quatro vezes maior do que ele.

O *Giornale del Popolo*, do bispo de Lugano, aprova sem reservas a posição de Salazar perante a guerra civil espanhola. O país é pobre, reconhece o editorialista, mas o Presidente do Conselho começou a obra de saneamento e de restauração que a «tempestade espanhola» está a colocar em perigo. A partir da vitória da Frente Popular o material de propaganda vindo de Espanha atravessou de novo a fronteira. É preciso, portanto, compreender as «preocupações portuguesas»<sup>9</sup>. Depois de ter elogiado a política de Salazar a 13 de setembro, concretamente falando da sua obra de restauração económica-financeira<sup>10</sup>, o mesmo diário volta ao assunto a 9 de outubro no editorial intitulado «*Un paese che si difende*». Para o jornalista de Lugano, por detrás dos ataques do governo republicano espanhol —que acusa Lisboa de ajudar os franquistas— está a «longa *manus*» de Moscovo, cuja tentativa de provocar uma revolta comunista em Portugal fracassou. O país começa a levantar a cabeça da areia e é lógico que não queira que uma «invasão vermelha vinda de Espanha» possa sabotar «o magnífico trabalho» realizado graças à «sagacidade de Salazar». Compreende-se, por conseguinte, as reservas e a prudência do governo de Lisboa perante os acordos de neutralidade e de não-intervenção, porque está em jogo a independência de Portugal: «Portugal sabe o que significaria para ele uma vitória dos «vermelhos» espanhóis. [...] Nestas condições tem-se

<sup>7</sup> Sobre Maurice Muret (1870-1954) veja-se o meu artigo no 9.º volume do *Dictionnaire Historique de la Suisse*. <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F46536.php>

<sup>8</sup> «Les réserves du Portugal», *Courrier de Genève*, 13 de setembro de 1936.

<sup>9</sup> «Note di politica estera. Le apprensioni del Portogallo», *Giornale del Popolo*, 5 de setembro de 1936.

<sup>10</sup> «Demos recentemente algumas luzes sobre o que foi a restauração de Portugal no campo económico-financeiro, restauração que foi a obra de António de Oliveira Salazar». «Nota di politica estera. La crisi attuale», *Giornale del Popolo*, 13 de setembro de 1936.

que aprovar todas as medidas tomadas pelo governo de Lisboa para que a sangrenta tragédia espanhola não se propague ao território português.»

«O baluarte ocidental» é o título da análise do jornal *Der Fürstentländer*, do cantão de San Gallen<sup>11</sup>, que se inspira num artigo publicado por Cordeiro Ramos, ministro da Educação Nacional, na *Revue Européenne*. Portugal tem que retomar a tradição dos seus gloriosos antepassados, sublinha o jornalista, e golpear os inimigos da cristandade. Com a guerra de Espanha esta sólida muralha está de novo no centro da política europeia: «Sendo o mais próximo vizinho de Espanha, o governo português tomou consciência da importância do perigo bolchevista na Península Ibérica». Desde o início tomou medidas eficazes para reter e repelir a maré vermelha que, desde o Oriente, ameaça os dois Estados.

Além disso, o governo português teve o grande mérito de ter resistido às pressões anglo-francesas e de ter reconhecido o governo de Burgos. Esta atitude dos dirigentes portugueses, segundo o editorialista, explica-se pelo facto de Portugal ter vivido, anos atrás, uma situação comparável àquela de 1936 em Espanha. Depois do 28 de maio de 1926, graças a Salazar e a Carmona, o povo português recusou uma certa forma de pseudo-democracia e «reencontrou os instintos originais», a ordem, a autoridade, uma sã administração.

Nos antípodas destas opiniões filosalazaristas, situa-se *Le Travail*, quotidiano comunista, que acusa, sem meios-terminos, «o cinismo do governo de Salazar»<sup>12</sup>. Depois da revolta dos marinheiros em setembro, o mesmo diário denuncia os métodos repressivos — e na altura é o único a fazê-lo — que provocam uma «grande onda de terror branco» em toda a Península. «Os heróicos marinheiros puseram-se à frente desta ação revolucionária» porque o povo português o quis, em solidariedade com o povo espanhol<sup>13</sup>. As armas e os homens para os «fascistas espanhóis» transitam por Lisboa e o governo português, antipopular segundo o jornalista comunista, mina todas as iniciativas diplomáticas. Por outras palavras, há um perfeito entendimento entre os dois «fascismos»:

<sup>11</sup> «Der Bollwerk im Westen», *Der Fürstentländer*, 11 de fevereiro de 1937. Este jornal católico conservador, fundado em 1876, tem uma tiragem diária de 3700 cópias em 1939. No mesmo ano a tiragem do *Courrier de Genève* é de 11 000 exemplares, a da *Gazette de Lausanne* é de 16 000, a do *Giornale del Popolo* é de 6700, a do *Le Travail* é de 10 250, a do *Neue Zürcher Zeitung* é de 67 000, a da *Tribune de Genève* é de 46 000, a dos semanários *Die Weltwoche* e *Schweizer Illustrierte* é respectivamente de 60 000 e de 123 000 exemplares. O *Journal de Genève* tem uma tiragem de 13 500 cópias em 1930.

<sup>12</sup> «Le Portugal, quartier général des rebelles», *Le Travail*, 5 de setembro de 1936.

<sup>13</sup> ANDRE, E.-P., «Au Portugal Mutinerie des marins», *Le Travail*, 18 de setembro de 1936.

*La petite République de la péninsule ibérique joue, disons-le ouvertement, un rôle lâche et misérable dans le drame espagnol Le nom du Portugal reparait ces derniers temps souvent dans les colonnes des journaux. Les pays de la «douce dictature», comme s'expriment quelques-uns, a prouvé d'une façon tangible qu'il est au service du fascisme espagnol et international.*

*Voici déjà sept années que la ville de Lisbonne est sous le commandement des hitlériens galonnés. Le dictateur Salazar a déclaré une guerre ouverte à tous les Portugais qui luttent pour la liberté et la démocratie; des milliers d'ouvriers, paysans et intellectuels, républicains convaincus sont emprisonnés, tués et exilés. La terreur massive est l'unique moyen de domination des maîtres actuels de la capitale portugaise.*

Em setembro de 1936 existe outra razão que explica os ataques do diário comunista contra este «país em plena decadência»: a oposição de Portugal e da Suíça à entrada da URSS na Sociedade das Nações (SdN).

Os três representantes diplomáticos helvéticos na Península exprimem todos a mesma opinião sobre a guerra civil espanhola. Hans Gremminger, vice-cônsul em Lisboa entre 1933 e 1936, e que já na primavera<sup>14</sup> tinha manifestado a preocupação do governo de Lisboa depois da destituição de Alcalá Zamora, a 7 de abril, resume o ponto de vista português perante a não-intervenção. A nota portuguesa ao convite para se juntar ao pacto de não-beligerância é «clara e corajosa», pois permite que Portugal conserve uma boa margem de manobra. A simpatia pelo governo de Salazar não deixa margem para dúvidas, tal como o medo de uma vitória dos republicanos espanhóis:

*Os acontecimentos espanhóis são um autêntico pesadelo para a população, que tem ligações espirituais e económicas com o vizinho atormentado por uma feroz guerra civil. Considerando a singularidade da situação económico-social da península, os portugueses sabem que vão sofrer uma enorme influência dos acontecimentos da grande república espanhola. Pode tratar-se da independência do Estado. Em todos os círculos parece ter-se a consciência de que o perigo de ser arrastado pelo turbilhão dos acontecimentos é efectivo e continua muito grande hoje. Diz-se também que, em caso de vitória das forças nacionais em Espanha, a Lusitânia poderá continuar a viver em paz e o governo atual poderá continuar o trabalho e a reconstrução. Se os partidos da*

---

<sup>14</sup> GREMMINGER, Hans, Carta de 25 de abril de 1936. AF, E 2200.38 -/9001, Vol. 799.

*extrema-esquerda espanhóis ganharem é muito provável que a tormenta, quase inevitável, assolará também o seu país*<sup>15</sup>.

Charles Egger, ministro suíço em Madrid de 1932 a 1939, que deixa a capital espanhola e escreve três relatórios em Lisboa, insiste também nas consequências de uma vitória do marxismo em Espanha que reservaria a Portugal um futuro comparável ao da Geórgia<sup>16</sup>. Depois dos atentados de janeiro de 1937 em Lisboa, o mesmo diplomata afirma que os «emissários de Moscovo» se encontram em Portugal. Estes elementos subversivos constituem uma ameaça, embora seja necessário ter em conta a situação económica do país:

A extrema pobreza e a miséria de uma grande parte da população portuguesa, os salários de miséria e a falta de assistência social facilitam o trabalho de subversão de agentes estrangeiros. Sem a ajuda destes uma revolução popular parece impossível<sup>17</sup>.

Em junho de 1937, o encarregado de negócios Charles Redard, novo chefe da Legação em Lisboa<sup>18</sup>, escreve que uma «vitória de Valência condenaria Portugal à anarquia»<sup>19</sup>. O diplomata helvético fica logo muito impressionado pelo desfile do 28 de maio e, sobretudo, pelos 18 000 voluntários da Legião Portuguesa que fizeram a saudação «à maneira hitleriana».

Até à vitória de Franco os relatórios do diplomata suíço raramente mencionam a guerra no país vizinho vista do lado português, embora o drama espanhol esteja quase sempre latente. Só em março de 1939, quando a derrota republicana já está praticamente certa, Redard volta a escrever sobre o tema. Portugal tem que cultivar boas relações com o vizinho, um dos pilares da política externa de Salazar, para conservar a independência e a integridade do território continental:

---

<sup>15</sup> GREMMINGER, Hans, Relatório político, de 1 de setembro de 1936. AF, E 2300 1000/716, Vol. 211. Este é o último relatório enviado desde Lisboa pelo vice-cônsul que encontrei nos *Archives Fédérales*, em Berna.

<sup>16</sup> EGGER, Charles, Relatório confidencial n.º 8, de 28 de janeiro de 1937. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>17</sup> EGGER, Charles, Relatório político n.º 12, de 10 de março de 1937. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>18</sup> Charles Redard (1884-1955), que fez uma grande parte da sua carreira diplomática no Rio de Janeiro (de 1911 a 1936 e de 1945 a 1949), fica até fevereiro de 1941, data da chegada do genebrino Henri Martin (1879-1959), também como encarregado de negócios. Martin será nomeado ministro em Lisboa em julho de 1945 e será substituído pelo ministro Maximilien Jäger (1884-1958) em janeiro de 1946. A Legação suíça em Lisboa será transformada em embaixada só em 1959.

<sup>19</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 14, de 11 de junho de 1937. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.



*Les portugais (sic!) savent bien que l'Espagne, après avoir expulsé le communisme de son territoire et pansé les plaies de la guerre civile, voudra retrouver sa grandeur passée. Elle conservera une armée forte et disciplinée. L'amitié de cette nation qui reconnaît aujourd'hui la loyauté portugaise permet la conclusion d'un traité de non-agression et garantit ainsi l'intégrité du Portugal, qui juge sa voisine incapable de considérer chiffon de papier un document qu'elle a signé*<sup>20</sup>.

No que diz respeito à imprensa liberal e conservadora, menciona raramente o papel de Portugal na guerra civil espanhola, e, quando o faz, é para defender sempre o mesmo ponto de vista: Portugal arrumou a casa graças a Salazar e é normal que esteja claramente do lado de Franco. Uma vitória dos «vermelhos» em Espanha teria consequências catastróficas para Lisboa.

O *Neue Zürcher Zeitung* publica, em dezembro de 1938, um longo artigo enviado de Lisboa<sup>21</sup>, cuja opinião reflete em grande parte a que se podia ler nos principais jornais helvéticos na altura. Os méritos e os sucessos de Salazar parecem mais do que evidentes, sobretudo depois de se ter atravessado a fronteira vindo de Espanha, que parece «ter recuado um século». Quando se chega a Portugal, sublinha o jornalista da *NZZ*, «tem-se a impressão de se estar num país próspero que vive na ordem e na paz social». Para o correspondente do principal jornal suíço de língua alemã, o «Novo Portugal» é um Estado «autoritário» mas não «totalitário». Embora não haja partidos políticos, a experiência portuguesa é, de entre as que nasceram do caos depois da I Grande Guerra, «aquela que se afasta menos dos princípios democráticos».

## A guerra aproxima-se

Nos dois anos que precedem o início da II Grande Guerra, Redard relata a importância e, sobretudo, a visibilidade das propagandas alemã, italiana e inglesa em Portugal<sup>22</sup>. No outono de 1937 os navios da organização *Kraft durch Freude*<sup>23</sup> fazem escala em Lisboa. A bordo do navio

---

<sup>20</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 4, de 1 de março de 1939. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>21</sup> «Der Aufstieg Portugals» [A ascensão de Portugal], *NZZ*, 16 de dezembro de 1938.

<sup>22</sup> Já em julho de 1936 o *Neue Zürcher Zeitung* fala das frequentes visitas alemãs e dos desfiles de marinheiros alemães na avenida da Liberdade. «Portugal zwischen den Grossmächten» [Portugal entre as grandes potências], *NZZ*, 27 de julho de 1936.

<sup>23</sup> «Força pela alegria».

*Deutsche* reúnem-se os diplomatas alemães, italianos e também as autoridades portuguesas.

Na mesma altura o professor Bruno Biagi dá várias palestras sobre o corporativismo e recebe um doutoramento *honoris causa* pela Universidade Técnica de Lisboa. É uma oportunidade, escreve Redard<sup>24</sup>, para fortalecer os laços entre os dois países «unidos na mesma obra civilizadora».

Depois de uma visita de uma esquadra alemã e de outra inglesa no início de 1938, Redard escreve, com uma certa preocupação:

*Le Portugal, un des rares pays d'Europe dont le nom est masculin, est très courtisé par les grandes puissances. Peut-être l'est-il trop. Il fait, actuellement, figure de jeune homme entouré de matrones qui cherchent à l'attirer et dont il ne sait comment se dépêtrer. Mais le gouvernement Salazar a su faire face à d'autres difficultés; il a mis un terme aux révolutions périodiques, assaini les finances et organisé l'administration. Il faut souhaiter que, tenant la balance égale entre les diverses sollicitations dont il est l'objet, il sache conserver une indépendance non seulement nominale, mais effective. Il serait désastreux qu'une des seules contrées de l'Europe où règne encore une tranquillité relative fût troublée par des ambitions qui sont étrangères à son développement normal. La sagesse et la calme énergie du gouvernement Salazar lui permettront, espérons-le, de franchir sans dommages les nombreux écueils qui menacent de le faire sombrer<sup>25</sup>.*

No fundo, o diplomata suíço, que admira Salazar, espera que o presidente do Conselho fique sereno, calmo, e que se deixe guiar pela sua inteligência e pelo seu «frio raciocínio»<sup>26</sup>.

Em 1938 crescem os ruídos das botas e os acontecimentos na Europa central não podem deixar de preocupar o chefe da Legação suíça em Lisboa, que fica mais satisfeito depois do discurso de Salazar, de 28 de abril, e da recusa da teoria racista hitleriana, em junho<sup>27</sup> (com um violento artigo publicado no diário católico *A Voz*). Salazar, escreve Redard, não deixa de ser prudente, mas condena a «política do facto consumado [...] e da força».

«A solução encontrada em Munique», escreve o diplomata helvético, agrada a Portugal, mas «ao mesmo tempo faz com que reflita nisso».

<sup>24</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 21, de 5 novembre 1937. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>25</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 3, de 2 de março de 1938. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>26</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 4, de 14 de março de 1938. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>27</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 8, de 3 de junho de 1938. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

Com efeito, o método utilizado com a Checoslováquia —que foi obrigada a ceder uma região inteira à Alemanha, a região dos Sudetas— podia ser aplicado a Portugal para satisfazer as exigências coloniais alemãs, tema muito sensível porque manter a integridade do património colonial é um dos objetivos da política externa salazarista:

*Il est hors de doute que le Portugal ne ferait pas de bon gré le geste que peut-être on attend de lui pour satisfaire l'Allemagne. Les conditions du pays ont changé depuis 1913. Salazar a mis fin à l'impuissance politique, administrative et financière d'antan<sup>28</sup>.*

Por outras palavras, espera-se outro milagre do chefe do governo: conservar todas as colónias.

Em fevereiro de 1939 organiza-se uma grande manifestação em honra de Salazar. Redard assinala que o seu motorista lhe tinha pedido autorização para participar, para não ter problemas com o sindicato. No comentário enviado no fim do mês, o encarregado de negócios exprime a sua admiração pelo Presidente do Conselho, mas, pela primeira vez, não consegue evitar fazer uma ligeira crítica,

*Cette manifestation monstre, que les adversaires du Gouvernement prétendront commandée, fera-t-elle taire les critiques, fortifiera-t-elle le régime? L'avenir le dira. Le Président Salazar est trop intelligent pour lui attribuer plus d'importance qu'elle n'en mérite. Il fait aujourd'hui la part du feu ; ennemi de la publicité et du bruit, il autorise ce défilé interminable et reçoit avec philosophie ces acclamations qu'il voudra bien croire sincères, mais il retrouvera ensuite, avec plaisir, le silence de son cabinet, où il pourra étudier les défauts signalés et corriger ceux qui lui paraîtront mériter de retenir son attention.*

*Un observateur impartial concluera (sic!) que si ce déploiement des organisations corporatistes a paru nécessaire c'est que l'opposition qu'elles rencontrent dans certains milieux est plus forte qu'on aurait pu le supposer<sup>29</sup>.*

A invasão de Praga em março é o último passo dado por Hitler que fica sem resposta militar por parte dos Aliados. Um episódio relatado por Redard reflete o sentimento da grande maioria da população portuguesa perante a Alemanha nazi, seis meses antes do início da guerra:

---

<sup>28</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 12, de 4 de outubro de 1938. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>29</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 3, de 27 de fevereiro de 1939. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

À l'entrée dans un salon de la Légation d'Italie du très sympathique et souriant Ministre d'Allemagne Baron Hoyningen-Huëne, une dame portugaise par sa naissance, italienne par son mariage, a dit hier à sa voisine: «La vue de cet homme me fait froid dans le dos. Non pas qu'il soit d'un aspect redoutable, mais il représente un pays tentaculaire dont le gouvernement nous menace tous, tant que nous sommes». Je me permets de citer cette pensée, assez répandue ici, parce qu'elle est caractéristique, vu la personne qui l'a exprimée et l'endroit où elle fut émise<sup>30</sup>.

Na primavera de 1939 o *Journal de Genève* publica alguns artigos que descrevem sobretudo os aspetos turísticos de Portugal. No entanto, a atualidade está também presente com a visita dos paquetes alemães da organização Kraft durch Freude e da frota francesa. O pintor Edmond Bille<sup>31</sup>, jornalista de ocasião, não quer acreditar na iminência do conflito mundial:

*Si le monde n'était pas, depuis plusieurs mois, en état d'alarme et dans l'attente, qu'on veut encore croire vaine, d'événements considérables, on n'eût sans doute pas donné à ces deux escales plus d'attention que n'en méritent les visites de pure courtoisie [...]*<sup>32</sup>.

Constata porém que existe uma certa simpatia entre a «ditadura económica portuguesa» e a ideologia de certos «Estados totalitários» e delinea alguns paralelismos:

*Les nouvelles organisations paramilitaires, par exemple, ont plusieurs points communs avec les formations similaires d'Allemagne et d'Italie. Il s'ensuit que le mouvement de «Jeunesse» Mocidade et les «légionnaires» (en uniformes kaki à parements verts) ont été ostensiblement reçus et très entourés sur le vaisseau amiral. Les photos, publiées dans les journaux, nous montrent ces jeunes militants fort réjouis et, sans doute, très fiers de se voir sur un bateau de guerre aussi impressionnant et d'une aussi impeccable tenue. Ailleurs, l'amiral Boehm et son état-major ont fraternisé longuement avec les personnages du monde officiel et militaire*<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 6, de 20 de março de 1939. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>31</sup> Gonçalo Vilas-Boas [*Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)*, Coimbra, CIEG, 2004, p. 13, nota 7] dá-nos estes dados biográficos do pintor suíço: «Edmond Bille (1878-1959), pintor suíço [ ] comprou em 1935 uma pequena quinta, a Quinta da Fonte, em Albarraque, perto de Sintra, que vendeu em 1945».

<sup>32</sup> BILLE, Edmond, «Escaleas à Lisbonne», *Journal de Genève*, 5 de junho de 1939. Bille reside sete anos em Portugal, de 1935 a 1942.

<sup>33</sup> *Idem, Ibidem.*

Estas manifestações são mensagens de paz, escreve Bille, que conseguiu viver alguns dias «sob a influência da boa colaboração internacional»: «[...] *il faudrait être bien sceptique pour ne pas reconnaître que cet échange de gestes gracieux et de paroles courtoises a éloigné pour un temps, de ces rives heureuses de l'extrême Europe, le spectre tragique de la guerre*»

Este otimismo do pintor do Valais encontra-se nos quatro artigos enviados ao quotidiano liberal de Genebra. Constitui, sem dúvida, uma fuga para a frente, tanto no sentido literal como no sentido figurado ao referir-se ao «Paraíso Triste»<sup>34</sup> numa Europa que cheira a pólvora.

O discurso de Salazar, de maio do mesmo ano, no qual o ditador critica as ditaduras totalitárias e também as democracias, suscita dois comentários nos jornais da Suíça francesa, ambos favoráveis às teses do Presidente do Conselho. O *Journal de Genève* defende esta terceira via:

*À l'heure où s'affrontent deux idéologies intransigeantes, il est réconfortant d'entendre s'exprimer la voix du bon sens. M. Salazar met le doigt sur la plaie lorsqu'il signale les exagérations de l'une et de l'autre; les exagérations du principe totalitaire, qui l'inclinent à s'imposer, au besoin par la force, à des États voisins; les exagérations des régimes de gauche, qui les poussent à laisser détruire, par excès de liberté, les libertés sur lesquelles ils se fondent*<sup>35</sup>.

Por outro lado, Henri Schubiger<sup>36</sup> lamenta o facto de a imprensa não ter referido as ideias do «mais simpático ditador da Europa atual». Não se pode colocar Salazar no mesmo plano que os outros ditadores europeus:

*Dictateur, M. Salazar l'est certainement dans la mesure où il a imposé à son pays de sortir du bourbier libéral-maçonnique dans lequel pataugeait le Portugal depuis la Révolution de 1910. Mais c'est une erreur de croire qu'une dictature en vaille certainement une autre, de la désirer ou de la rejeter en tous lieux et en toutes circonstances. Prétendre que Salazar=Franco=Mussolini=Hitler appartient au domaine des absurdités si largement exploité par la presse d'extrême gauche. La dictature n'est exécration que dans le cas où elle tourne en tyrannie et foule aux pieds les droits de la personne humaine.*<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Designação atribuída a Portugal por Saint-Exupéry.

<sup>35</sup> M., J., «La voix du Portugal», *Journal de Genève*, 24 de maio de 1939.

<sup>36</sup> Excluindo uma breve interrupção no fim da guerra, quando colabora com o quotidiano de Friburgo *La Liberté*, Henri Schubiger (1907-1982) é cronista no *Courrier de Genève* desde 1928 (ano da sua conversão ao catolicismo) até 1972.

<sup>37</sup> SCHUBIGER, Henri, «Sages paroles d'un dictateur», *Courrier de Genève*, 6 de junho de 1939.

O mesmo editorialista publica um comentário a 29 de julho sobre a visita de Carmona a Moçambique e à África do Sul. Não é com certeza para ter umas «férias agradáveis» mas para reafirmar a unidade do território e para «fortalecer os laços entre o império colonial e a metrópole», enviando ao mesmo tempo uma clara mensagem:

*Par l'ampleur qui est donné aux manifestations de loyalisme dont les croisières africaines du président Carmona sont l'occasion comme par l'Acte colonial de Salazar, le Portugal proclame sa volonté de ne pas laisser porter atteinte à l'intégrité de son empire. On est très bien renseigné à Lisbonne sur les ambitions inavouées de certaines puissances en quête de territoires aptes à leur procurer les matières premières qui leur manquent; on n'y a pas négligé les comparaisons faites entre la petitesse du Portugal, de la Belgique ou des Pays-Bas et l'immense étendue de leurs empires coloniaux.<sup>38</sup>*

Além disso, o Presidente da República aproveita a escala no sul do continente africano, para cultivar a aliança inglesa.

### **A guerra tão longe e tão perto<sup>39</sup>**

Durante a *Drôle de Guerre*, a imprensa helvética dá pouco relevo à situação vivida no «Jardim da Europa». A censura rigorosa, a neutralidade do país e o facto de o teatro da guerra estar longe da Península Ibérica podem explicar esta relativa falta de interesse jornalístico. Por conseguinte, os relatórios de Charles Redard são os únicos documentos que nos informam sobre a situação interna portuguesa.

O conflito está muito longe e nada parece ter mudado:

*Le Portugal est une oasis de paix. La radio et les télégrammes qui remplissent les pages des journaux n'arrivent pas à troubler la tranquillité de la population. Les mesures prises par le gouvernement portugais contre*

---

<sup>38</sup> SCHUBIGER, Henri, «Le voyage du président Carmona en Afrique orientale portugaise», *Courrier de Genève*, 29 de junho de 1939.

<sup>39</sup> A documentação consultada permite-nos abordar cinco temas principais (sendo quatro de política externa): 1 - como é que Portugal vive o conflito; 2 - a ocupação (preventiva) de Timor pelos australianos em 1941; 3 - a neutralidade; 4 - as relações com a Espanha franquista; 5 - o acordo sobre os Açores em 1943.

*les spéculateurs ont empêché jusqu'à présent une hausse des prix. Aucune restriction n'a été imposée et l'on peut acheter librement n'importe quelle marchandise*<sup>40</sup>.

No entanto, isto não vai durar sempre e os preços vão subir, escreve o encarregado de negócios, mas os portugueses, mais modestos e humildes, vão com certeza adaptar-se melhor do que os «cidadãos do mundo». Em novembro a inflação começa a aumentar, mas são sobretudo os estrangeiros que sofrem as consequências:

*Les adages «les peuples heureux n'ont pas d'histoire» ou «pas de nouvelles, bonnes nouvelles», s'appliquent très exactement à la situation actuelle du Portugal.*

*Les journaux et la radio nous renseignent sur les faits militaires et diplomatiques de la guerre, mais la presse européenne ne reçoit certainement pas de nombreux communiqués du «Jardin de l'Europe planté au bord de la mer». Ici tout est calme, le ravitaillement du pays continue à se faire normalement, aucun rationnement n'a été jugé nécessaire jusqu'à présent. Seule une augmentation sensible du coût de la vie fait sentir à la population qu'il y a quelque chose de changé dans la situation internationale. Sauf les loyers, protégés par la loi, il faut tout payer plus cher et s'il s'agit de marchandises importées, la différence est sensible et varie, pour le moment, entre 20 et 50%. Mais comme le Portugais est sobre et qu'il se contente d'une nourriture peu variée (gros poissons de mer, viande de qualité inférieure et soupe de légumes) il est moins atteint que l'étranger par ces augmentations*<sup>41</sup>.

Este cliché do povo feliz que não tem problemas será utilizado inúmeras vezes para falar de Portugal, pelo menos até os anos 50, e para demonstrar que o país está satisfeito com o sistema político que tem.

Depois do desastre francês em 1940 e com os «panzers» alemães perto dos Pirenéus, coloca-se a Portugal a questão fulcral de uma eventual intervenção de Espanha no conflito, tema que se encontra praticamente em todos os relatórios de Redard. Este receio do governo de Lisboa é lógico porque uma participação do grande vizinho do lado do Eixo significaria uma ocupação de Portugal continental. A presença de Himmler em Madrid, em outubro de 1940, preocupa os portugueses:

---

<sup>40</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 20, de 2 de outubro de 1939. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>41</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 23, de 17 de novembro de 1939. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

*Si l'Espagne entre en guerre, le Portugal mettrait immédiatement ses ports à la disposition des forces britanniques et l'Allemagne enverrait ses colonnes motorisées. Cette éventualité à laquelle on était loin de songer, il y a quinze jours, préoccupe bien des esprits. Il ne faut pas en conclure qu'elle se réalisera, mais il y a lieu d'en tenir compte*<sup>42</sup>.

O bloqueio inglês inquieta também as autoridades lusas que receiam novas dificuldades para o abastecimento do país:

*Si l'attitude de l'Angleterre indispose les Portugais, il serait toutefois inexact d'affirmer que les entraves mises à la réexportation des produits coloniaux risquent d'avoir des répercussions politiques. Le Président Salazar est un pilote trop avisé pour céder à un mouvement de mauvaise humeur. Il cherche à négocier et il arrivera peut-être à vaincre la résistance passive qui les a opposés. Mais la situation est sérieuse et il faut espérer que le nouvel Ambassadeur d'Angleterre, qui est attendu ces jours-ci, saura le comprendre et surtout le faire comprendre à son Gouvernement*<sup>43</sup>.

Sabemos que Salazar quis conservar uma certa autonomia em relação à velha aliada, nomeadamente no plano económico. A posição de Portugal não é a mesma que durante o período de «neutralidade ativa», entre 1914 e 1916<sup>44</sup>.

Alguns jornalistas suíços visitam Portugal entre 1940 e 1942<sup>45</sup>, nomeadamente na ocasião da Grande Exposição do Mundo Português, inaugurada a 6 de junho de 1940<sup>46</sup>. Elisabeth Herniy Hayem, no *Courrier de Genève*, de 27 de dezembro, descreve a aparente despreocupação da população portuguesa que oscila entre o alívio pela guerra estar longe e o medo de ela bater à porta:

*Une foule rieuse emplit les larges trottoirs de l'Avenue de la Liberté. Les cafés ne désemplissent pas. Une question ne cesse, alors, de harceler l'esprit de l'étranger; cet entrain, est-il indifférence? est-il le fatalisme d'un peuple qui, trop longtemps, a eu le Maure chez lui pour qu'il ne lui en reste pas*

<sup>42</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 13, de 22 de outubro de 1940. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>43</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 14, de 17 dezembro de 1940. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>44</sup> ROSAS, Fernando, *O Estado Novo*, pp. 298-299 e 302-303.

<sup>45</sup> Tenciono apresentar noutro estudo os relatos de viajantes suíços a Portugal (publicados em livros ou na imprensa) nos anos 30, 40 e 50. Vou analisar aqui apenas os comentários destes jornalistas sobre a situação de Portugal perante a guerra.



*quelque chose? Ou bien se sent-il si solidement installé dans sa sécurité que la possibilité d'un danger lui échappe? Mais, alors, que signifient les foules silencieuses, amassées quotidiennement devant les écrans des grands journaux où sont annoncées les dernières nouvelles? À côté de l'anxiété, il y a place pour la confiance dans le cœur d'un peuple qui sent une main ferme et sage diriger sa vie nationale à travers les récifs et les remous de notre triste époque.*

Também Marcelle Galopin, do *Journal de Genève*, descreve a capital portuguesa cheia de contrastes entre a festa dos dois centenários, as notícias da guerra e a chegada dos refugiados, contrastes que lhe parecem ainda maiores quando sai de Lisboa:

*Et, dernier contraste qui s'impose en quittant la vie d'hôtel où les étrangers, surtout ceux qui ont de l'or ou leur vie à sauver, font courir des rumeurs de panique en attendant impatientement le clipper<sup>47</sup> ou le bateau qui les emmèneront outre-Atlantique, c'est de voir, en traversant la campagne portugaise, la vie simple et calme de ceux qui y vivent [...]»<sup>48</sup>.*

Encontrei alguns comentários sobre os refugiados que procuram em Lisboa uma passagem para o Novo continente, tema magistralmente tratado por Eric Maria Remarque no seu romance *Eine Nacht in Lissabon* [*Uma noite em Lisboa*]. Charles Redard fala deles com muita severidade:

*La plupart de ces réfugiés, pris de panique, ont quitté leur domicile sans rien emporter que leur argent et leurs bijoux. Après avoir littéralement forcé la frontière, ils ont envahi le Portugal. Les autorités leur ont assigné une résidence dans les localités de l'intérieur du pays car il 'n'y avait plus un lit disponible à Lisbonne ou à Porto. Désœuvrés et inquiets, ils n'arrivent pas à retrouver le calme dans les endroits charmants qu'ils ne peuvent pas quitter sans autorisation de la police<sup>49</sup>.*

---

<sup>46</sup> Na ocasião deste duplo centenário – o de 1140 e de 1640 – Gonzague de Reynold (1880-1970), o noto admirador e discípulo suíço do professor de Coimbra, apresenta Portugal e a sua história a 10 de setembro na Rádio da Suíça francesa. Graças a Salazar, diz o vencedor do Prémio Camões de 1938, o país pode de novo olhar para o passado e também para o futuro.

<sup>47</sup> Os *clippers* são hidroaviões transoceânicos Boeing 314 da companhia *Pan American World Airways Inc.*

<sup>48</sup> GALOPIN, Marcelle, «Portugal 1940», *Journal de Genève*, 1 de outubro de 1940.

<sup>49</sup> REDARD, Charles, Relatório político n.º 9, de 30 de julho de 1940. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

Acusa-os nomeadamente de difundirem notícias falsas sobre uma iminente invasão de Portugal. O encarregado de negócios está longe do teatro europeu e não sabe, ou não quer saber, o que a máquina de guerra nazi provoca. No entanto, pode pôr-se em relevo a sua falta de compreensão e de sensibilidade para com estes seres humanos que tiveram que fugir da barbárie. Redard não percebe porque não ficam tranquilos neste bonito país cuja autoridades se ocupam deles.

O antigo diretor do *Journal de Genève* visita Lisboa em novembro de 1940. Encontra uma cidade que respira prosperidade e que parece viver num outro tempo, sem restrições, sem sirenes de alarme a tocar intempestivamente. Destaca o trabalho da Cruz Vermelha portuguesa e dos lisboetas, que aprenderam «a conhecer as tristezas e os sofrimentos [dos que], [...] não foram poupados pela desgraça»:

*La tâche de Lisbonne est lourde. Cette cité maritime, qui compte près de 800 000 habitants, a vu des dizaines de milliers de réfugiés venir chercher chez elle un asile temporaire. Mais cet asile temporaire a pris un caractère, pour beaucoup, permanent: navires en partance pour les Amériques, ou clipppers, sont rares; plusieurs mois s'écoulent, parfois, avant d'y trouver une place. Résultats pour Lisbonne: des parcs et des rues, pourtant fort spacieux — et toujours propres — sur lesquels il est parfois difficile de circuler; aspect indéniable de prospérité; pas de restrictions, d'aucune sorte; pas de sirènes intempestives. Une Europe d'avant-guerre.<sup>50</sup>*

Também em alguns órgãos de imprensa da Suíça alemã aparecem breves comentários sobre estes refugiados. O jornalista do *Neue Zürcher Zeitung* fala das dificuldades para encontrar um quarto, devido, em parte, à presença dos emigrantes e dos refugiados. Lisboa parece uma verdadeira torre de Babel com todas estas pessoas de inúmeras nacionalidades que vadiam nos cafés à espera de um lugar para atravessar o Atlântico. Acha também que a luta para encontrar um bilhete de barco ou um quarto não faz parte dos «mais felizes capítulos da história contemporânea de Lisboa»<sup>51</sup>. No entanto, «poucas pessoas têm os meios financeiros para esperar»<sup>52</sup>, escreve um outro correspondente do quotidiano radical de Zurique.

<sup>50</sup> CHAPUISAT, Edouard, «La tâche de Lisbonne», *Journal de Genève*, 19 de novembro de 1940. Edouard Chapuisat (1874-1955) é diretor do *Journal de Genève* de 1918 a 1932. Veja-se o artigo de Alain Clavien no *Dictionnaire historique de la Suisse*. <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F30612.php>

<sup>51</sup> Z., E., «Eindrücke aus Portugal» [Impressões de Portugal], *NZZ*, 22 de setembro de 1940.

<sup>52</sup> Stf., P., «Tagebuch der späten Wanderung» [Diário de uma caminhada final], *NZZ*, 24 de outubro de 1940.

Em fevereiro de 1941, o *Luzerner Tagblatt* publica dois artigos com o título «Portugal alegre»<sup>53</sup>. Na segunda carta de Lisboa o correspondente fala dos refugiados: ninguém estava à espera da chegada de tantas pessoas que nada têm que ver com o turismo. O acolhimento no «maior centro de transbordo humano jamais conhecido» é feito com discrição e delicadeza. «Junta-se o útil ao humano» porque, acrescenta o jornalista de Lucerna, mesmo esta onda de refugiados – aliás, muito bem gerida pelas autoridades locais – traz dinheiro, nomeadamente à indústria hoteleira. Mesmo quando se coloca a questão «quando é que pensam partir», os portugueses têm muita paciência e compreensão; sabem esperar quando a travessia do oceano se torna mais complicada.

Annemarie Schwarzenbach<sup>54</sup> resume, no final do artigo publicado pela *Weltwoche*, a 19 de março de 1941, o «novo significado de Lisboa», este «último porto livre» europeu na costa atlântica:

Na grande sala de espera da Europa estão sentados milhares de viajantes, uns sem papéis e sem direito de cidadania, outros sem dinheiro e quase todos sem uma autêntica esperança no futuro, aventureiros a contragosto, filhos empobrecidos e deserdados do nosso continente. A cidade de D. Henrique, da qual, como de um recife, foram outrora lançados ao Atlântico os pequenos veleiros dos intrépidos descobridores, é hoje o ponto mais extremo a Europa de onde se espraia o olhar para o Ocidente. Mas a atmosfera é diferente e, no porto, nas partidas dos navios americanos vêem-se muitas lágrimas.<sup>55</sup>

As testemunhas suíças deste drama não são muito numerosas e não permitem uma conclusão definitiva. No entanto, esta descrição de Annemarie Schwarzenbach é a que mais toma em conta o sofrimento destes homens e destas mulheres forçados ao exílio. As outras fontes falam deles mas não do que está verdadeiramente em jogo: o que lhes interessa é provar a eficácia do regime em gerir esta situação delicada e difícil.

Henri Martin, o novo chefe da Legação desde fevereiro, nunca menciona os refugiados. Em março de 1941 faz um pequeno inquérito aos seus colegas diplomatas para saber a percentagem de opiniões sobre a even-

<sup>53</sup> N., H., «Heiteres Portugal I» e «Heiteres Portugal II», *Luzerner Tagblatt*, 7 e 8 fevereiro de 1941.

<sup>54</sup> Sobre esta escritora helvética (1908-1942), ver a excelente síntese de Gonçalo Vilas-Boas, que contém, além de uma introdução, a tradução de vários artigos publicados na imprensa suíça alemã. VILAS, Gonçalo, *Op. cit.*

<sup>55</sup> SCHWARZENBACH, Annemarie, «Lissabon, neues Leben in einer alten Stadt» [Lisboa. Vida nova numa cidade antiga], *Weltwoche*, 19 de março de 1941.

tualidade de uma invasão terrestre do país, tema que ocupa praticamente todo o primeiro relatório que envia desde a capital lusa. Eis a opinião do ministro italiano em Lisboa, Bova Scoppa:

*Dans mes rapports à Rome, j'ai toujours souligné qu'il n'y aurait aucun avantage à chercher à taquiner le Portugal, qui menait une vie paisible et honnête sous la conduite efficiente de Salazar.*

*Serrano Suñer a tort de mépriser les Portugais et de considérer Salazar comme un lâche parce qu'il ne s'habille pas en Général et ne frappe pas les points sur la table. Salazar travaille avec succès au bien de son pays et mérite qu'on le laisse vivre tranquille<sup>56</sup>.*

A situação muda com a invasão da União Soviética, a 22 de junho. Henri Martin retranscreve a conversa que teve com o diretor-geral dos assuntos políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros:

*L'agression allemande contre la Russie a eu comme effet, particulièrement utile pour le Portugal, d'éloigner de plus en plus la guerre vers l'Est.*

*Ce sont deux formidables ogres qui se dévorent, qui se portent chaque jour les coups les plus violents, et qui dès lors s'affaiblissent<sup>57</sup>.*

O perigo afasta-se de Portugal mas é preciso cultivar as relações com o vizinho espanhol, aspeto comentado por Martin que, no entanto, fica completamente surpreendido com a visita de Salazar a Franco, em fevereiro de 1942:

*Le Portugal vit dans un cadre si étanche, si complètement séparé du reste du monde, les journaux observent à tel point les ordres de la Censure, et le Gouvernement sait si bien les empêcher de faire allusion à tout ce qui concerne l'Espagne, que la visite en catimini de Salazar à Franco a causé une véritable sensation, de sorte que toutes les suppositions ont pu se donner libre cours.<sup>58</sup>*

O chefe da legação suíça tenta explicar este encontro entre os dois dirigentes ibéricos com a necessidade de harmonizarem as suas políticas em face da nova situação criada pela intervenção americana, das dificulda-

<sup>56</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 1, de 26 março de 1941. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>57</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 17, de 23 de julho de 1941. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>58</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 35, de 15 fevereiro de 1942. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>59</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 10, de 3 maio de 1942. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

des dos transportes marítimos e, também, da hipótese de um ataque alemão a Gibraltar.

Em maio, depois de um encontro com «uma personalidade do mundo diplomático-jornalístico português»<sup>59</sup>, o diplomata suíço parece cada vez mais convencido de que a Península não entrará na guerra: nem a Espanha, nem o Eixo, nem os Aliados têm interesse que isso aconteça.

Este ponto de vista é reiterado depois da visita do conde de Joranda, Ministro dos Negócios Estrangeiros, a Portugal, em dezembro. A aliança entre os dois países, sublinha Martin, é sobretudo de ordem política, económica – «estanho português contra tonagem espanhola»<sup>60</sup> – e ideológica, onde o anticomunismo ocupa um lugar de destaque. No fundo, os dois povos não gostam um do outro, nunca gostaram e «jamais gostarão»:

*L'Espagnol est violent et énergique, tandis que le Portugais est plus doux et nonchalant, le premier étant atteint d'un «superiority complex», et l'autre d'un «inferiority complex» qui déclenche sans raison à tout instant des ressauts d'orgueil dans les occasions les plus insignifiantes de la vie»<sup>61</sup>.*

Em 1942 o redator do *Neue Zürcher Zeitung* visita Portugal. No primeiro artigo publicado a 28 de maio<sup>62</sup> dá as primeiras impressões, duas horas depois de ter chegado. No aeródromo de Sintra os escritórios das companhias aéreas espanhola, alemã e inglesa estão ao lado uns dos outros; nos hotéis, encontram-se os conterrâneos e os inimigos que «se olham insistentemente e em silêncio». A guerra está presente:

*La guerre! Le Portugal sent-il la guerre? À voir s'y coudoier les ressortissants des nations belligérantes, à la distance qui le sépare des champs de bataille, on pourrait presque n'y plus penser! Si le prix de la vie n'avait pas sérieusement augmenté ces derniers mois, on pourrait parler d'un petit paradis dans lequel les années de guerre n'ont pas eu de conséquences. Mais les*

<sup>60</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 2, de 7 de janeiro de 1943. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

<sup>61</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 3, de 9 fevereiro de 1943. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

As relações com a Espanha franquista são muitas vezes mencionadas, e às vezes comentadas, pelo encarregado de negócios helvético que, porém, nunca fala do papel que Pedro Teotónio Pereira, embaixador português em Madrid de 1938 a 1945 e cuja tarefa foi de «“agarrar” Franco para a neutralidade peninsular». Cf. ROSAS, Fernando, *O Estado Novo*, p. 296.

<sup>62</sup> HARTMANN, Hans W., «Erste Eindrücke» [Primeiras impressões], *NZZ*, 28 maio de 1942. Utilizo aqui o pequeno livro que publicou em 1943, *Le Portugal vu par un Suisse*, Zurich-Lausanne. Trata-se de uma tradução dos artigos, revistos e ligeiramente abreviados, publicados no quotidiano de Zurique.

*signes révélateurs de la tourmente se font nombreux si l'on prolonge l'examen. Des charbonniers britanniques armés, qui quitteront les eaux portugaises en convois, sont à l'ancre sur le Tage. Une corvette anglaise apporte un blessé à terre et quitte le port dans les délais prescrits. Des soldats portugais embarquent pour aller renforcer les garnisons des Açores et quelques destroyers sont mouillés devant la Praça de Commercio [...]*»<sup>63</sup>

No entanto, olhando para as lojas, para as pastelarias e para os talhos, diz-nos Hartmann, uma pessoa não se apercebe das dificuldades, mas, mais tarde ou mais cedo, Portugal terá que tomar medidas de racionamento baseando-se «no modelo suíço».

### A ocupação de Timor

Em dezembro de 1941 as tropas australianas e holandesas ocupam Timor. Martin relata as reações do governo e a «indignação da população», que foi tão forte que levou as autoridades a vigiar as duas representações diplomáticas com «numerosos polícias armados de espingardas»<sup>64</sup>.

Esta «ocupação preventiva» provoca alguns comentários na imprensa suíça. René Payot defende, por um lado, a política de equidistância do governo de Salazar entre os dois blocos em conflito e, por outro lado, o discurso «digno e moderado» do ditador. Segundo o redator do quotidiano liberal genebrino, mesmo não tendo Portugal cometido erro algum, os seus territórios ultramarinos podem trazer-lhe problemas e complicações:

*Or, cette occupation, qu'on justifie en invoquant un dessein défensif, peut servir de prétexte. Le Portugal est l'un des balcons de l'Europe sur l'Atlantique, le seul endroit par lequel le continent peut encore respirer; il possède en outre dans l'Océan des îles dont la valeur stratégique est connue de tous les belligérants; malgré son désir de rester à l'ombre d'une neutralité impeccable, sa position l'a mis au centre des discussions militaires des deux côtés de l'Atlantique. Il n'est jamais bon pour les petits états d'attirer ainsi l'attention des grandes Puissances, et c'est leur triste destinée que de subir les contrecoups d'une guerre dans laquelle ils n'ont aucune responsabilité*<sup>65</sup>.

<sup>63</sup> HARTMANN, Hans W., *op. cit.*, pp. 8-9.

<sup>64</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 32, de 26 dezembro de 1942. AF, E 2300 1000/716, Vol. 212.

<sup>65</sup> PAYOT, René, «À propos du Portugal», *Journal de Genève*, 23 de dezembro de 1941.

Edmond Rossier<sup>66</sup> analisa o mesmo acontecimento na *Gazette de Lausanne*, de 22 de dezembro. Trata-se de uma «nova afronta ao direito internacional que põe a nu a fragilidade do império colonial português, escreve o historiador que espera que Lisboa resista, «porque se o desmembramento começasse não se saberia onde iria parar». O editorialista compreende também a emoção do governo de Lisboa – e, como o seu colega genebrino, sublinha a moderação do discurso de Salazar –, embora este episódio não mude fundamentalmente a situação internacional. Entrar em conflito com a Inglaterra seria muito perigoso para Portugal cujo governo não tem nenhum interesse em abandonar a política de neutralidade que lhe traz inúmeros benefícios. A conclusão do artigo remete-nos para a política interna suíça: «*Il reste cependant qu'un attentat de plus a été commis contre un pays inoffensif. Si nous avons maintenant une marine en Suisse, vous devons être heureux de ne pas posséder des colonies.*»

Além de uma «violação flagrante da soberania» portuguesa, esta ação australiano-holandesa enfraquece o governo de Salazar, escreve Paul du Bochet na *Tribune de Genève*, a 20 de dezembro. Portugal terá talvez que fazer concessões ao Eixo para manter a política de neutralidade baseada não só na aliança com Londres mas também na «eliminação de qualquer divergência com as ditaduras do bloco continental». Depois desta ação unilateral dos Aliados numa «pequena ilha nos antípodas», as compensações que o governo de Salazar deverá talvez oferecer ao bloco nazi-fascista poderão ter uma outra dimensão e hipotecar os «interesses vitais» de Portugal na Europa. O jornalista não dá mais pormenores, mas pensa com certeza nas ilhas atlânticas e no perigo para Portugal de um ataque alemão a Gibraltar.

Até agora Portugal soube tirar o máximo benefício da sua situação neutral: trata-se do único país da Europa continental que pode «comunicar diretamente com os países do ultramar», escreve o *Giornale del Popolo*. No entanto, o facto de Portugal possuir muitas colónias só podia complicar «o trabalho do governo de Lisboa. Apesar de as forças australiana e holandesa terem justificado a intervenção com a presença de submarinos japoneses muito perto da ilha, foi uma violação da soberania portuguesa:

Os direitos do pequeno Portugal passaram para o segundo plano perante os interesses duma potente coalição que se sentia ameaçada. Londres declarou

---

<sup>66</sup> O historiador Edmond Rossier (1865-1945) é cronista da *Gazette de Lausanne* desde 1901. Veja-se o artigo de Olivier Meuwly no *Dictionnaire historique de la Suisse*. dehttp://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F15240.php.

que a ocupação era provisória, destinada unicamente a prevenir quaisquer ameaças japonesas.

Portugal não pode opor-se à ocupação do seu território. Porém, o chefe do governo, com palavras moderadas e dignas, reivindicou os direitos do seu país.<sup>67</sup>

O quotidiano dos católicos genebrinos publica dois artigos sobre Portugal nos finais de 1941. Como os seus colegas, Henri Schubiger entende as reações do governo de Lisboa depois da ocupação de Timor, mas os protestos são platónicos porque os beligerantes não lhes atribuem importância nenhuma: o que lhes interessa é a posição estratégica da ilha<sup>68</sup>. Este episódio pode também alimentar as apreensões portuguesas no que diz respeito à integridade dos arquipélagos do Atlântico e das colónias africanas.

Herbert von Leisen, depois de ter sublinhado que há no império português territórios que têm uma importância estratégica, pergunta-se se o tratado anglo-português põe os dois países num plano de igualdade. Alertado por despachos telegráficos que mencionam o encerramento da fronteira portuguesa, o escritor da Suíça francesa receia também que Portugal tenha que mudar a sua política de neutralidade:

*Depuis le début des hostilités, le Portugal est parvenu à concilier les exigences de son alliance avec les principes d'une stricte neutralité. En va-t-il toujours de même aujourd'hui? Quoi qu'il en soit, les informations qui nous parviennent de ce secteur de l'Europe nous autorisent maintenant à poser cette question»<sup>69</sup>.*

## A neutralidade portuguesa

Esta temática, central nas análises jornalísticas helvéticas, está presente em quase todos os artigos publicados sobre Portugal durante o conflito.

Já no verão de 1940 alguns jornalistas que visitam a Exposição do Mundo Português destacam a vontade do governo de Salazar de por em relevo o passado<sup>70</sup> do país para manifestar e fortalecer a sua independência. Marcelle Galopin, por exemplo, que envia dois artigos à *Gazette de Lausanne*, escreve:

<sup>67</sup> «Note di politica estera. L'incidente di Timor», *Giornale del Popolo*, 30 de dezembro de 1941.

<sup>68</sup> SCHUBIGER, Henri, «L'occupation de Timor», *Courrier de Genève*, 20 de dezembro de 1941.

<sup>69</sup> Von LEISEN, Herbert, «La position du Portugal», *Courrier de Genève*, 30 de dezembro de 1941.

<sup>70</sup> O enviado especial do *Neue Zürcher Zeitung* acha, no entanto, que «Portugal vive mais do que nunca no passado e não no presente». Z., E., *op. cit.*



*Une belle est sincère évocation de l'histoire d'un peuple ne peut, en effet, que renforcer et élever le sentiment national de celui-ci. La signification réelle de ces célébrations sera, je le crois, fort bien comprise en Suisse*<sup>71</sup>.

O discurso de Salazar, de junho de 1942, no qual o ditador analisa o papel dos neutros, é comentado por alguns jornais que se debruçam sobre o tema da neutralidade que interessa tanto à Suíça como a Portugal.

Admirador de Salazar, que define como «um homem sábio e um hábil administrador», Edmond Rossier compara a posição dos dois países perante a guerra. Do seu ponto de vista, a neutralidade suíça é «histórica» enquanto a de Portugal é «ainda ocasional»; Portugal tornou-se a única porta para o Atlântico e a Suíça concentra os seus esforços no campo humanitário com a Cruz Vermelha. Além destas diferenças, os países neutrais devem observar a máxima discrição e evitar tomar partido: por isso a censura se revela necessária. Estes países tem um papel fundamental para manter vivos os valores da «solidariedade humana». Reparar-se-á que, mais uma vez, a *Gazette de Lausanne* não tem nada a dizer quando cita Salazar, que condena o liberalismo e a democracia. Trata-se, sem dúvida, da autocensura de que fala o autor do artigo: «*La censure, contre laquelle je n'élève aucun blâme vu que, même si elle n'existait pas, conscient des intérêts de mon pays, je n'écrirai guère autrement que je le fais, est là pour veiller*»<sup>72</sup>.

Pierre Béguin acha pelo menos quatro pontos em comum entre os dois países: a origem latina, uma certa conceção humana da política, a aspiração dos dois povos a ficar fora da guerra, a procura de um certo equilíbrio entre a liberdade individual e o desejo de ordem<sup>73</sup>.

Por seu lado, para o editorialista do *Courrier de Genève*, a grande diferença entre as duas neutralidades tem que ver com o facto de Portugal ter colónias, o que torna a posição de Lisboa mais delicada. Schubiger deixa-se dominar, mais uma vez, pelo seu anticomunismo, manifestando a sua preocupação pelo pós-guerra onde Salazar será confrontado com uma nova situação, a União Soviética terá um papel importante em todo o continente europeu:

<sup>71</sup> GALOPIN, Marcelle, «Les grandes fêtes portugaises», *Gazette de Lausanne*, 16 de julho de 1940.

<sup>72</sup> ROSSIER, Edmond, «Digression sur la neutralité», *Gazette de Lausanne*, 29 de junho de 1942.

<sup>73</sup> BEGUIN, Pierre, «La situation des neutres», *Journal de Genève*, 28 de junho de 1942. Pierre Béguin (1903-1978), correspondente em Berna desde 1930 para os jornais *La Liberté* e *Journal de Genève*, é nomeado redator da *Gazette de Lausanne* em 1946. Veja-se o artigo de Ernst Bollinger no *Dictionnaire Historique de la Suisse*. <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F41588.php>

«*La Suisse, qui fut la seule à protester énergiquement contre l'admission des Soviets à la Société des Nations, parce qu'elle estimait le régime communiste incompatible avec les principes d'un ordre sain et durable, partage, à ce sujet, les appréhensions portugaises. Ce qui nous inquiète, ce n'est pas le fait d'une alliance militaire avec l'URSS, alliance que les nécessités de la lutte peuvent expliquer, mais la reconnaissance d'un prétendu droit des Soviets à participer, après la guerre, à la reconstruction d'une Europe dont ils ont été les premiers démolisseurs et la contrôler – on sait ce que cela sous-entend – une partie du continent située au-delà des anciennes frontières russes*»<sup>74</sup>.

A leitura deste discurso, claro e discreto, traz um grande alívio a Paul du Bochet, segundo o qual, as palavras do Presidente do Conselho «coincidem exatamente com as preocupações da opinião pública suíça», apesar de conterem «algumas restrições mentais» devido à situação particular na qual se encontra Portugal<sup>75</sup>.

Um suíço sente-se à vontade em Portugal, escreve Hartmann, também porque a política de neutralidade de Salazar faz pensar um pouco naquela decidida pelo Conselho Federal. O redator do *NZZ* pensa, porém, que a posição portuguesa é mais próxima da da Turquia, a qual, como Portugal, «está ligada por tratados com Estados atualmente em guerra»:

*Actuellement, il importe avant tout à Salazar de faire entendre la voix d'une petite nation, de plaider pour l'indépendance et l'intégrité de celle-ci et de montrer précisément, par son rapprochement avec l'Espagne, que le Portugal ne recherche aucun profit dans la guerre présente. Le Portugal ne peut donc être aujourd'hui ni pour ni contre les «Nations unies» ou l'Axe. Le gouvernement reste dans la neutralité sans se soucier des tentatives faites pour le désorienter et des inévitables vicissitudes*<sup>76</sup>.

É preciso recordar aqui que a opinião largamente favorável a Salazar nos comentários jornalísticos, que já tive a oportunidade de sublinhar no artigo anterior<sup>77</sup>, tem, durante a guerra, uma explicação suplementar. Entre 1941 e 1943 Portugal teve um papel fundamental para o abastecimento da Suíça, nomeadamente com os dois portos de Leixões e de Lisboa, onde

<sup>74</sup> SCHUBIGER, Henri, «Un discours de Salazar», *Courrier de Genève*, 27 de junho de 1942.

<sup>75</sup> Du BOCHET, Paul, «Hors de la mêlée», *La Tribune de Genève*, 28 e 29 de junho de 1942. Depois da I Grande Guerra, Du Bochet (1887-1974) é redator de política externa da *Tribune de Genève*.

<sup>76</sup> HARTMANN, Hans, *Op. cit.*, p. 41.

<sup>77</sup> MONICO, Reto, *Op. cit.*

eram armazenados cereais antes de obterem as autorizações para atravessarem Espanha ou para serem transportados de barco até Génova. Além disso, a Confederação compra na mesma altura mais produtos coloniais portugueses.

Anne-Marie Schwarzenbach descreve com muito realismo<sup>78</sup> as inúmeras dificuldades encontradas antes que a mercadoria possa chegar ao destino. Lisboa é uma cidade cheia de charme, diz-nos a escritora/jornalista, mas o porto da capital lusa não está à altura da situação. Por exemplo, é preciso duas semanas para descarregar um navio de cereais, em Génova só três dias; o trigo e o milho têm que esperar muito tempo antes de terem todas as autorizações necessárias e começam a apodrecer nos armazéns. A autora lamenta também a falta de meios da Legação suíça que tem que trabalhar em locais pouco adequados às grandes responsabilidades que tem que assumir para garantir o abastecimento do país.

Também o redator do *NZZ* põe em relevo o enorme trabalho do pessoal da Legação e dos agentes suíços da economia de guerra, tal como a colaboração das autoridades locais. A imagem que dá do porto de Lisboa difere totalmente da descrição dada pela autora de *Das Glückliche Tal*:

*Le port de Lisbonne offre aujourd'hui, pour un Suisse, une image exaltante. Des bateaux battant pavillon suisse entrent dans le port, chargent des céréales et d'autres marchandises de première nécessité, puis quittent les bouches du Tage munis des navicerts des puissances belligérantes. Ce sont des bateaux appartenant à la Suisse dont les équipages sont composés d'étrangers et de Suisses et qui font la navette entre Lisbonne et Gênes. [...] Très souvent des bateaux au service de la Suisse sont à quai, les uns à côté des autres, dans le port de Lisbonne. Le trafic de transit et le transbordement des marchandises qui nous sont destinées occupent des centaines de travailleurs portugais et leur procurent un gagne-pain<sup>79</sup>.*

Para a Suíça, diz-nos Hermann, «Portugal tem uma importância vital» e este facto ajuda a relativizar as queixas, as dificuldades e as deceções de algum comerciante ou empresário helvéticos.

<sup>78</sup> SCHWARZENBACH, Annemarie, «Die Versorgung der Schweiz durch Portugal» [O abastecimento da Suíça através de Portugal], *NZZ*, 23 de março de 1941]. Cf. igualmente: «Die "Schweizer Flotte" im Hafen von Lissabon» [A «frota suíça» no porto de Lisboa], *Schweizer Illustrierte*, 26 de março de 1941.

<sup>79</sup> HARTMANN, Hans W., *Op. cit.*, p. 46.

## O acordo luso-britânico sobre os Açores

Em agosto de 1943 é assinado o acordo sobre os Açores, publicado só a 8 de outubro. Salazar acaba por ceder frente às pressões inglesas, cujas tropas vão poder ocupar as bases do arquipélago até ao final da guerra. Obtém em troca garantias quanto às colónias portuguesas e um novo acordo sobre os aspetos económicos e os transportes marítimos é assinado a 4 de outubro. Este último acordo entrará em vigor só em junho de 1944, quando o ditador decretará o embargo da exportação de volfrâmio para a Alemanha.

Henri Martin assinala, a 6 de outubro, que a chegada às bases nos Açores «de tropas aliadas parece iminente e se efetuará em segredo». O diplomata suíço fala do tom das negociações luso-inglesas:

*Quant aux pourparlers à la fin desquels le Gouvernement de Salazar s'est décidé à adopter une nouvelle attitude vis-à-vis de l'Angleterre, on me révèle maintenant, ce qui a été dénié fermement jusqu'ici, soit par l'Ambassadeur du Portugal à Madrid, soit par le Ministère des Affaires étrangères de Lisbonne, que la pression qu'il a subie aurait frisé l'ultimatum.*

*Le Portugal aurait tout simplement été placé devant le choix entre une collaboration ou des difficultés économiques sans issues. M. Salazar, bien qu'ayant accepté la première alternative, aurait montré assez peu d'empressement, en soulevant une série d'objections.*

*Au Ministère des Affaires étrangères, on montrait aujourd'hui une nervosité et préoccupations marquées<sup>80</sup>.*

Trata-se de uma mudança na política externa portuguesa:

*Tandis que jusqu'à présent, l'alliance anglo-portugaise a été subordonnée à la neutralité, cette dernière paraît maintenant subordonnée à l'alliance. Il ne s'agit là évidemment que d'un euphémisme et, en tout cas, d'une neutralité moins chatouilleuse que la nôtre<sup>81</sup>.*

Existe um certo medo das reações alemãs (Carmona mudou-se para o Lumiar<sup>82</sup>), mas segundo informações obtidas por Martin na legação alemã, Berlim não tem intenções de tomar medidas de represália contra Lisboa:

<sup>80</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 26, de 6 de outubro de 1943. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

<sup>81</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>82</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 29, de 21 de outubro de 1943. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

*«Il m'a été affirmé à la Légation d'Allemagne que Salazar était pour Hitler une personnalité très sympathique, dont il lisait attentivement tous les discours, et ce fait n'a pas peu contribué à apaiser l'ire du Chancelier du Reich»<sup>83</sup>.*

Os ingleses asseguraram «o controlo do Atlântico médio» escreve Sven Stelling-Michaud<sup>84</sup> no *Journal de Genève*, e isso pode contribuir para reduzir a duração do conflito. Para Londres o objetivo é essencialmente militar, enquanto que para Lisboa é sobretudo político, a integridade das colónias e, acrescento eu, o futuro do regime. E também o preço a pagar para recuperar certos territórios ainda nas mãos do Japão, como Timor e Macau, continua o editorialista, que explica o caráter aparentemente contraditório da política externa do governo de Lisboa:

*Cette contradiction entre la politique de neutralité et la politique d'alliance provient de la dualité du Portugal, qui est à la fois un petit État continental et un grand Empire colonial qui recouvrirait une bonne partie de l'Europe. L'intérêt dont parle M. Salazar, c'est l'intérêt colonial, qui exclut la neutralité en temps de guerre. Soucieux de ne pas entraîner son pays dans le conflit et de maintenir la paix ibérique, l'homme d'État portugais croit à la possibilité d'une neutralité partielle, localisée, réservée à la politique continentale de son pays. L'avenir montrera si cette fiction résistera longtemps à l'épreuve des faits<sup>85</sup>.*

A *Gazette de Lausanne* publica um pequeno comentário na última página de dia 13, no qual se sublinham as evidentes vantagens militares para os anglo-americanos e as dificuldades crescentes para os submarinos alemães. Segundo o quotidiano liberal, o acordo – que se compara ao que os alemães e os suecos assinaram para permitir à «*Wehrmacht* utilizar as vias de comunicação suecas para os comboios dos soldados em licença para a Alemanha» – nada mudará no que diz respeito à neutralidade lusa.

O *Giornale del Popolo* faz desta notícia a manchete de dia 13<sup>86</sup> e volta três dias depois a comentá-la. Analisa três tipos de neutralidade – a «não-beligerante», a «diferenciada», a «continental» – enquanto «nós, os

---

<sup>83</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 30, de 27 de outubro de 1943. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

<sup>84</sup> Sven Stelling-Michaud (1905-1986), professor de História na Universidade de Genebra desde 1943, é redator adjunto do *Journal de Genève* de 1942 a 1947. Veja-se o artigo de Salomon Rizzo no *Dictionnaire historique de la Suisse*. <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F31591.php>

<sup>85</sup> STELLING-MICHAUD, Sven, «La décision du Portugal», *Journal de Genève*, 14 de outubro de 1943.

<sup>86</sup> «Il Portogallo accorda alla Gran Bretagna l'uso delle basi navali delle isole Azzorre».

suíços, temos sempre acreditado que existia uma só e única neutralidade». Com este acordo favorável às potências anglo-saxónicas, mas que vai trazer também algumas vantagens a Portugal, Salazar inventou uma nova neutralidade, a continental. Com efeito, concedendo as bases do arquipélago já não pode considerar-se como totalmente neutral, embora fique neutral no continente porque esta decisão favorece o esforço bélico aliado.

Sobre este acontecimento encontrei também, nos arquivos da Radio Suisse Romande uma gravação do programa «La Situation internationale», emitido a 15 de outubro<sup>87</sup>. René Payot<sup>88</sup> põe em relevo, depois duma breve introdução histórica sobre as relações luso-britânicas, em primeiro lugar, os aspetos militares: o controlo dos submarinos alemães será grandemente facilitado protegendo assim os navios que atravessam o Atlântico e que podem fazer escalas no arquipélago. O cronista analisa também os aspetos políticos: Portugal entra, por assim dizer, na guerra, embora mantenha a neutralidade continental. Payot acha que este acordo não tem nada que ver com o acordo que a Bulgária fez com os alemães (porque entrou depois no pacto tripartido) ou com o acordo germano-sueco que já mencionámos (porque a Suécia já não permite a passagem dos soldados alemães pelo seu território). O diretor do *Journal de Genève* – que se baseia na reação moderada de Berlim que apresenta Portugal como uma vítima dos ingleses – pensa que Portugal não terá que enfrentar represálias.

Na primavera seguinte Salazar cede às exigências e às pressões aliadas e assina na véspera do desembarque na Normandia o acordo que põe um ponto final nas entregas de volfrâmio à Alemanha. A 1 de setembro Martin explica porque razão o ditador acabou por abandonar qualquer resistência a tomar esta medida:

*En effet, il a été clairement indiqué au Gouvernement portugais que, si jusqu'à une certaine date les exportations de wolfram vers l'Allemagne n'allaient pas cesser, le Portugal n'allait plus recevoir ni une seule tonne de charbon, ni un litre d'essence, ni un grain de blé.*

*Ce n'est qu'à la suite de cette pression que le Gouvernement portugais s'est décidé à interdire toute exportation de wolfram. Par sa façon de résister, Salazar a perdu entièrement la possibilité de négocier et n'a pas reçu la moindre compensation pour la concession faite aux Alliés. Ceci est d'autant*

<sup>87</sup> «La situation internationale», 15/10/1943. ARSR, CDR 6307; CDR 7451.

<sup>88</sup> René Payot (1894-1970), que na altura era redator e diretor geral do *Journal de Genève*, apresenta estas crónicas de 1941 a 1944. Sobre René Payot, veja-se o artigo de Alain Clavien no *Dictionnaire historique de la Suisse*. <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F30248.php>

*plus grave, que l'interdiction de l'exportation du tungstène signifie un sacrifice financier considérable pour les propriétaires des mines*<sup>89</sup>.

Na realidade, o Presidente do Conselho estava a brincar com o fogo. Londres tinha dado instruções ao seu embaixador em Lisboa para favorecer um golpe monárquico-militar cujo objetivo era derrubar Salazar<sup>90</sup>.

Depois dos comentários sobre a utilização dos Açores pelos aliados até 1945, não encontrei nem nas fontes diplomáticas nem nas jornalísticas suíças nenhum outro tema relacionado com o papel de Portugal na guerra. Será preciso esperar até aos anos 50, com as duas crises de Goa, para que se volte a falar na imprensa mundial do papel de Portugal e, sobretudo, das suas colónias.

### **Breve nota final**

Nos anos 30 os jornalistas e diplomatas suíços conseguem pôr em evidência os três pilares da política externa salazarista: a aliança inglesa, a amizade peninsular com a Espanha e, finalmente, a afirmação da sua vocação atlântica. O *Neue Zürcher Zeitung* chama a Portugal «*die atlantische Republik*». <sup>91</sup>

No que diz respeito aos objetivos desta mesma política, e a partir da documentação que consultei, posso referir três aspectos: a conservação do regime está sempre implícita; a defesa do país face ao perigo espanhol é raramente mencionada; a defesa do património colonial ocupa um lugar de destaque.

Durante a guerra a grande maioria dos observadores suíços – que já apoiaram sem reservas a atitude de filofranquista de Portugal – defende a política externa de Salazar por razões ideológicas, ofuscada pelo mito da ditadura salazarista «branda» e «moderada» mas também por ser um país pequeno como a Suíça, e, sem dúvida, pelo papel que teve no abastecimento da Confederação durante o conflito.

No entanto, quando se trata de comentar a política interna e a agitação social a partir de 1942, aparecem análises mais críticas nos relatórios enviados pela Legação suíça em Lisboa. Depois do fim da guerra alguns

---

<sup>89</sup> MARTIN, Henri, Relatório político n.º 23, de 1 de setembro de 1944. AF, E 2300 1000/716, Vol. 213.

<sup>90</sup> ROSAS, Fernando, *O Estado Novo*, p. 373. Foi o próprio Churchill que congelou este projeto.

<sup>91</sup> «Präsidentwahl in Portugal» [Eleição presidencial em Portugal], *NZZ*, 20 de fevereiro de 1935.

jornais helvéticos publicam artigos um pouco menos hagiográficos, embora Salazar, como veremos, tenha ainda muitos simpatizantes e admiradores no centro da Europa. É o tema do próximo artigo que trata da primeira grande crise do regime vista pelos diplomatas, viajantes e jornalistas helvéticos.